

**A retirada da Laguna por Deonísio da Silva em *Avante, soldados: para trás*: problematizações contemporâneas em torno da narrativa histórica sobre a guerra contra o Paraguai**

***The retreat from the Laguna by Deonísio da Silva in Avante, soldados: para trás: contemporary problematizations around the historical narrative about the war against Paraguay***

**Claércio Ivan Schneider**

Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Doutorado em História pela UNESP.

**Resumo:** Em 1992 Deonísio da Silva publica o romance histórico *Avante, soldados: para trás*, no qual retrata a história da coluna expedicionária brasileira que se viu obrigada a uma fuga dramática que ficou conhecida historicamente como a Retirada da Laguna (1867). Deonísio empreende narrativa em que polemiza intertextualmente com a obra *A retirada da Laguna* (1871) do Visconde de Taunay. 121 anos separam a publicação das duas obras. Neste artigo busca-se analisar as críticas históricas contemporâneas que Deonísio promove com a releitura deste episódio da Guerra do Paraguai, buscando problematizar o registro militar que a encobriu numa aura heroica. A análise da obra fornece instrumental crítico para entender novos aspectos e dimensões que o romance histórico contemporâneo agrega, em especial a polemica em torno da escrita da história. Ao promover uma narrativa plural e interrogativa o autor consegue apontar para inúmeras possibilidades de se pensar e problematizar a guerra, colocando em cheque as versões militares, relativizando-as, subvertendo-as e apresentando suas contradições. **Palavras-chave:** Deonísio da Silva; romance histórico; Visconde de Taunay; Retirada da Laguna; escrita da história.

**Abstrac:** In 1992 Deonísio da Silva publishes the historical novel *Avante, soldados: para trás*, in which he portrays the history of the Brazilian expeditionary column that was forced to make a dramatic escape that became known historically as the Retirada da Laguna (1867). Deonísio undertakes a narrative in which he intertextually polemicalizes with Visconde de Taunay's work *A Retirada da Laguna* (1871). 121 years separate the publication of the two works. This article seeks to analyze the contemporary historical criticism that Deonísio promotes with the reinterpretation of this episode of the Paraguayan War, seeking to problematize the military record that covered it with a heroic aura. The analysis of the work provides critical tools to understand new aspects and dimensions that the contemporary historical novel adds, especially the controversy surrounding the writing of history. By promoting a plural and interrogative narrative, the author manages to point to countless possibilities of thinking about and problematizing war, putting in check the military versions, relativizing them, subverting them and presenting their contradictions.

**Keywords:** Deonísio da Silva; historical novel; Viscount of Taunay; Retirada da Laguna; history writing.

Este artigo tem como objetivo problematizar as relações da história com a literatura na construção e no conteúdo do romance histórico intitulado *Avante, soldados: para trás*, do escritor catarinense Deonísio da Silva, publicado em 1992 pela editora Siciliano, de São Paulo. Busca-se compreender a especificidade desta fonte e sua relevância para a ressignificação da escrita da história da Guerra do Paraguai (1864-1870), mais especificamente do episódio que ficou conhecido como a Retirada da Laguna – “recuo” empreendido por uma coluna do Exército brasileiro de Laguna (Paraguai) até Aquidauana, em território brasileiro, região da então província do Mato Grosso, em 1867.

O estudo procura apontar para a importância deste romance no campo da história cultural e intelectual, na medida em que sintetiza debates contemporâneos em torno da problemática da história oficial construída sobre a Retirada da Laguna, apontando as contradições e deturpações de sentidos sobre a participação e a ação do exército brasileiro na Campanha do Paraguai. *Avante, soldados: para trás*, pode se constituir em instrumento de denúncia e de revisão histórica contra aqueles que construíram ou compactuaram com as versões oficializadas, neste caso, versões que encobriam a realidade da guerra e a tornavam heroica. Como destaca Flavio Chaves, ao referir-se a retirada da Laguna:

Uma derrota, evidentemente; e das piores que já foram registradas. Entretanto, os historiadores oficiais recobriram o episódio duma aura heroica, num processo de mascaramento ideológico, e acabaram por transformá-lo num ato épico, desses que finalmente se transmite, pela palavra escrita ou pela tradição oral, de geração em geração, visando ao aprimoramento cívico dos pósteros. Assim foi o relato célebre, produzido ainda no século XIX por um dos seus mais eminentes participantes – o visconde de Taunay. (CHAVES, 1992: 01)

Alfredo d’Escragnolle Taunay, personagem presente na trama ficcional produzida por Deonísio, produziu e publicou obra na qual representa a retirada do exército brasileiro no episódio da Laguna de forma heroica, não assumindo a derrota. Deonísio da Silva, interessado em desmistificar esta versão oficial, polemiza intertextualmente com a obra, buscando ressignificar a retirada enquanto derrota da coluna brasileira na província do Mato Grosso, ocorrida em meio a inúmeras situações de degradante condição humana.

Aqui a função da literatura não é absolutamente ilustrar a história oficial do reino das belas-letras; cabe-lhe, antes, apresentar sua contradição, subvertendo-a e relativizando-a. Tal é a função primordial desse estranho cronista que, acompanhando atentamente a marcha dos exércitos, não faz senão descrever das verdades absolutas (CHAVES, 1992: 01)

Contradições, relativizações e descrença na verdade absoluta são posições que o romancista incorpora à trama. Para isso, como recurso narrativo, Deonísio da Silva institui um cronista soldado como narrador, que acompanha a marcha do exército e que aponta para a realidade sempre relativa dos fatos, especialmente para quem escreve.

Transcrevo o que colhi de ouvido e de sentimento. Eu estava lá, mas os acontecimentos se espalhavam por muitos lugares. Nem tudo eu via. Nem tudo eu ouvia. São muitas as limitações de quem escreve. Maiores do que aquelas de quem lê. Mesmo em tempos de paz. E eu estava em guerra. (SILVA, 1992: 176)

O narrador soldado instituído por Deonísio, embora submetido ao registro da história dos comandantes da coluna, descreve, indagando e duvidando, histórias pouco edificantes ou heroicas das batalhas vivenciadas pela expedição. As táticas de guerra equivocadas, a formação trôpega e a fragilidade do exército brasileiro, o desconhecimento do terreno de batalha, os estereótipos construídos em torno dos paraguaios, a presença constante de doenças que assolavam a coluna, em especial o cólera, enfim, representa a degradante condição humana submetida a um ambiente de guerra e suas terríveis consequências. Ainda com Chaves:

Sob sua perspectiva altamente problemática não há a certeza maniqueísta do certo e do errado, do preto e do branco, nem a realidade observada pode traduzir-se de forma unilateral. O seu discurso nasce da perplexidade diante do que é o homem e a humana condição e, por isto, se desenvolve num complexo jogo de interrogações, de contrastes e de paradoxos. Escrevendo, o escritor é aquele que indaga e duvida. Esta é a perspectiva assumida pelo personagem/cronista que ora centraliza a narrativa, ora se retira para segundo plano, a fim de descrever, denunciando-os, os protagonistas do drama “histórico”. (CHAVES, 1992: 02)

Como será visto, o romance histórico de Deonísio da Silva pode ser considerado importante fonte para a reflexão histórica contemporânea sobre a Guerra do Paraguai. A narrativa interrogativa pode auxiliar diferentes leitores a construir pensamento crítico sobre a escrita da história da guerra, indagando, duvidando e denunciando os protagonistas principais desse drama histórico que vitimou, ao final do conflito, cerca de 200 mil pessoas, por batalhas, pela fome, por doenças como a tifo, a malária e o cólera. No caso específico do episódio da retirada da Laguna, de um efetivo inicial de aproximadamente 3000 homens, que partiram do Rio de Janeiro para o Mato Grosso, retornaram apenas cerca de 700.

### **1. *Avante, soldados: para trás* e as relações da literatura com a história**

O crítico literário Luciano Melo de Paula sintetiza a trajetória editorial da obra de Deonísio da Silva:

*Avante, soldados: para trás* (1992), é o quarto romance, de um total de oito publicados, do catarinense Deonísio da Silva (1948). O título foi contemplado, no ano de lançamento, com o Prêmio Internacional de Literatura Casa de Las Américas, em Cuba, em júri integrado por Jefferson Del Rios, Ligia Chiappini, Carlos Nejar e José Saramago. Esta premiação contribuiu para a ampla circulação que o romance teve e tem no Brasil, o número de edições brasileiras já vai para a casa da dezena (Leya, 2010), e garantiu a sua publicação em outros países, como Portugal, Cuba (*Adelante, soldados: atrás*) e Itália (*Avanti, Soldati, Dietro-Front!*). [...] Comentando a sua produção, Deonísio

confessa: “Livros são como filhos. Fica difícil dizer,, esse é mais bonito, mas de alguns a gente gosta diferente. O *Avante, soldados: para trás* eu tenho uma afeição diferente porque foi um livro que me abriu as portas para o exterior em 1992”. (PAULA, 2015:116)

Deonísio da Silva, autor, professor, doutor em Letras pela USP, com 34 livros publicados, entre romances, contos, ensaios literários, também se destaca pela produção de livros de referência em etimologia da língua portuguesa. Neste aspecto, conquistou o grande público nacional estando, por alguns momentos, na posição de mais vendidos entre os livros de não ficção. O reconhecimento internacional, no entanto, conquistou por meio da premiação da obra *Avante soldados: para trás* – Prêmio Internacional de Literatura Casa de Las Américas<sup>1</sup>, em Cuba – e da publicação do mesmo em outros países.

Nesta obra em particular, que, no Brasil, já vai para casa de mais de 10 edições, Deonísio da Silva empreende uma intervenção problematizadora na história da retirada da Laguna, por meio da intertextualidade com a obra homônima de Alfredo d’Escragolle Taunay (1843-1899)<sup>2</sup>. *A Retirada da Laguna* (1871) teve grande impacto para a formação de um imaginário heroico em torno da participação do exército brasileiro na Guerra do Paraguai. É entendida enquanto historiografia que foca os feitos nacionais, atribuindo pompas e homenagens aqueles que lutaram pela honra da pátria brasileira contra um ditador que a ameaçava. Na obra, Taunay atribui a Vossa Majestade Dom Pedro II o compromisso de uma guerra humanitária em busca da paz, mostrando oficiais que intentaram a todo custo defender as bandeiras e os canhões a eles confiados, suportando obstáculos internos e externos na tentativa de refletir em torno dos grandes atos de soberania nacional. A narrativa de Deonísio da Silva em *Avante, soldados...*, se constitui em uma homenagem literária à Taunay. É assim que compreende muitos críticos literários, como Luciano Melo de Paula, que analisa o romance:

Sua escolha funciona como uma singela, justa e grata homenagem àquele futuro visconde, que jovem e com muitos sonhos de grandeza, embrenha-se pelo sertão, percorre mais de três mil quilômetros, a pé ou em lombo de burro, com mil perigos, guerra, fome, cólera... ao final sobrevive, nos conta

---

1. José Saramago teceu elogios à obra de Deonísio da Silva. Segundo o jurado: “O romance projeta um olhar crítico sobre a Guerra do Paraguai. A ficcionalização deste cruel episódio da história brasileira e latinoamericana é feita com distanciamento irônico e revela o grande jogo de interesses que moveram essa guerra. O romance consegue narrar os pequenos grandes dramas do cotidiano, criando personagens complexos e contraditórios, através dos quais consegue sublinhar o absurdo dessa e de todas as guerras. O domínio das técnicas narrativas, o trabalho equilibrado com a tradição e a invenção, a linguagem sólida, sem grandes deslizes, são algumas das qualidades literárias que justificam o Prêmio Casa de Las Américas” (SILVA, 1992: I/II).

2. Visconde de Taunay foi um engenheiro militar que compôs a Expedição de Mato Grosso (1867), episódio menor da Guerra do Paraguai, e que publicou o seu testemunho histórico em forma de livro em 1871, fruto de um diário escrito em campanha. Taunay apresenta ao grande público a série de provações por que passou a expedição no “recuo” empreendido de Laguna (Paraguai) até Aquidauana, em território brasileiro, ao longo de 35 dias de marcha (de 07 de maio a 12 de junho de 1867). Ainda no estilo de *Retirada da Laguna*, publicada originalmente em francês em 1871, escreveu: *Cenas de Viagem* (1863), *Diário do Exército* (1870), *Céus e terras do Brasil* (1882) e, *Memórias* (1946). Além destas produções Taunay também é reconhecido por meio da produção de romances de costumes, sendo seu principal trabalho o romance *Inocência*, publicado em 1882. Com o fim da guerra Taunay chegou aos postos de Oficial superior do Exército Brasileiro, Senador do Império do Brasil e também foi membro da Academia Brasileira.

o que aconteceu e o seu relato transforma uma escaramuça militar desastrosa em um marco de bravura e heroísmo do exército imperial brasileiro. (PAULA, 2015: 118)

Impossível não se impressionar com a trajetória de militar de Taunay. O historiador Mario Maestri amplia esta questão, apontando para as pretensões pessoais de Taunay com a participação na expedição criada pelo governo imperial como resposta à invasão paraguaia ao território brasileiro na Província do Mato Grosso em 1865. A possibilidade de conhecer o interior do Brasil, de usar desse conhecimento para a confecção de seus projetos literários eram objetivos importantes a fim de buscar o reconhecimento e o prestígio nas Letras e, conseqüentemente, um caminho para “conquistar o beneplácito do Imperador e da Corte, garantindo-se uma carreira política e administrativa” (2018: 294). Fato que materializou-se, juntamente com o sucesso editorial que conquistou com a publicação da obra *A Retirada da Laguna*, chancelada pelo imperador.

O diálogo, a homenagem e a polêmica com a obra de Taunay começam pelo título: *Avante, soldados: para trás* é uma suposta ordem proferida às tropas brasileiras na Laguna no início da também suposta e relatada retirada. Se é que esta retirada tenha sido ordeira, planejada, seguida por uma ordem militar direta a plenos pulmões. Mas... Há controvérsias. A dúvida se houve efetivamente uma retirada, fuga ou derrota permanece no corpo da narrativa e é anunciada no título. Uma ordem descabida e contraditória: avante, para trás. (PAULA, 2015: 119)

124 anos separam a produção das duas obras. Taunay, focado na descrição dos combates e na resistência aos diferentes inimigos, não só paraguaios mas o cólera, a fome, o terreno pantanoso, o fogo na macega etc. Silva, atento aos combatentes, revelando sua condição humana – sentimentos, subjetividades, emoções – em meio às catástrofes apontadas pelo primeiro. Nesse sentido, as narrativas parecem se complementar, na medida em que o primeiro constrói e defende uma visão da história oficial, pautada nos heroísmos de uma retirada, enquanto que o segundo oferece uma releitura crítica desta derrota histórica, centrado na problematização da escrita. Silva rememora e polemiza as verdades apresentadas por Taunay, oferecendo aos seus leitores posições sempre plurais e inconclusivas a respeito do que realmente teria ocorrido na “retirada”.

Em termos de composição do texto, Deonísio reforça seu vínculo intertextual, citando e dialogando diretamente com Taunay. Também faz uso de epígrafes, selecionando partes de um poema de Paulo Leminski, um trecho da obra *Massa e poder* de Elias Canetti e diferentes trechos escolhidos da obra *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, em que se volta ao episódio histórico ocorrido em Ouro Preto, identificado como Conjuração Mineira. Esta questão é aprofundada por Naira Nascimento, interessada em entender os intertextos na narrativa de Deonísio:

A presença do *Romanceiro* nas páginas de *Avante, soldados...* surte um efeito bastante diverso daquele suscitado pela narrativa de Taunay. Ainda que ambos participem do plano histórico, no sentido que

o texto de Cecília Meireles integra uma espécie de historiografia, a literária, os caminhos que cada um traça diferem já pela perspectiva que tomam de saída: o primeiro, a histórica; o segundo, a literária. Muito mais que o espírito de denúncia obtido pela tomada do texto de Taunay, a visitação ao *Romanceiro...* evidencia o anseio quase inútil pelas vozes do passado. [...] O *Romanceiro* é utilizado como epígrafe em todos os capítulos. Ora, normalmente, a epígrafe funciona como um pretexto de inspiração para o autor e não podemos esquecer que ele também ilumina os caminhos do texto para o leitor. Ou seja, a epígrafe sinaliza a(s) diretriz(es) do texto. Contudo, sua inserção no romance não deixa de questionar os registros da história. (NASCIMENTO, 2006: 190).

Ao que parece, Deonísio busca estabelecer ligação entre dois episódios relevantes para a formação da identidade brasileira: a Inconfidência Mineira e a Guerra do Paraguai. Assim, no plano literário e no plano histórico, o autor procura problematizar as versões oficializadas, emblemáticas para o Estado, que intenta mitificar a história, em especial com a instauração da República brasileira<sup>3</sup>.

Importante atentar, nesse sentido, à perspectiva historiográfica que, direta ou indiretamente, pode ter influenciado a composição do romance. Na década de 1990, momento de publicação do romance, uma historiografia revisionista preponderava, questionando as versões patrióticas e apontando para a influência do imperialismo inglês como fator determinante à guerra contra o Paraguai<sup>4</sup>. Na visão da história de Deonísio, as versões militares e a historiografia revisionista dos anos de 1970 a 90 são consideradas e ajudam o escritor a ressignificar a guerra, em especial o episódio da Retirada da Laguna. Três fragmentos ajudam a ilustrar esta afirmação:

Velhas ilusões se diluíam ali na guerra. Não teríamos precisado invadir o Paraguai. Esta já era a convicção dominante entre as tropas. O Brasil era largo e nosso. Para que aceitar a provocação de um ditador louco, disposto a sacrificar até o último homem para manter uma soberba que já lhe custara tantas perdas? (SILVA, 1992: 64)

Tempos depois soubemos do desastre de Curupaiti. Nove mil aliados mortos. Vitória absoluta do Exército paraguaio. Saques imensos. Madame Lynch, mulher de López, trocou as libras esterlinas saqueadas pelos paraguaios por papel-moeda. E comentou: “Ora veja! São os ingleses que pagam a guerra para eles!” (SILVA, 1992: 112)

---

3. Como sugere a autora, a construção mítica, fora do fluir histórico, é método de composição e de interpretação de Deonísio da Silva que transforma o passado em eterno presente. “É através da sua inclusão que se pretende questionar a presença ideológica nos episódios lidos pela história” (NASCIMENTO, 2006: 203). Ou seja, articulando na narrativa o plano histórico e o plano mítico, Deonísio consegue expressar um mundo misturado. “A partir deste prisma, o histórico abandona sua condição de documental para abarcar também a sugestão da força do imaginário” (NASCIMENTO, 2006: 206). Importante afirmar que a representação mítica alcança eficiência simbólica também no plano político – o mito Tiradentes serviu aos interesses da República, como o mito de Solano López serviu à ditadura de Strossneer, no Paraguai.

4. Não cabe neste artigo apresentar as inúmeras trajetórias e polêmicas historiográficas em torno da Guerra do Paraguai. Indica-se, no entanto, a leitura de: DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. MAESTRI, Mario. A Guerra Contra o Paraguai: História e Historiografia: Da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]. *Estudios Historicos* – CDHRP- Agosto 2009 - Nº 2 – ISSN: 1688 – 5317.



[...] “Todos queriam aniquilar o Paraguai.” “Talvez tenham conseguido por causa da Tríplice Aliança”, eu disse. “Tríplice?!” Exclamou Mercedes, perguntando mais com os olhos do que com as palavras. “Tríplice com quatro? Por que sempre se omite a Inglaterra se os aliados pagam as contas com moeda inglesa?” (SILVA, 1992: 208, 209).

Evidentemente, na medida em que dialoga intertextualmente com o clássico de Taunay, a perspectiva militar é colocada em relevo, mesmo que polemizada, mas que identifica interpretações forjadas por militares na tentativa de justificar a necessidade da guerra como defesa da honra ofendida do Império brasileiro. Nesta versão, está a identificação de Solano López enquanto ditador louco, que sacrifica seu povo, cuja soberba precisaria ser contida. A versão militar de Taunay é retomada mas em perspectiva problematizadora, ou seja, Deonísio polemiza com o visconde na tentativa de questionar o patriotismo impresso à fuga.

No segundo e terceiro fragmentos selecionados, o romancista parece dialogar com uma nova historiografia<sup>5</sup>, incorporando à narrativa os debates historiográficos de seu tempo. Na visão da história promovida por Deonísio sobressai-se a representação da presença de libras esterlinas inglesas apreendidas com os soldados paraguaios no saque aos aliados mortos: “Ora veja! São os ingleses que pagam a guerra para eles!”. O mesmo se dá mais adiante no texto com a polêmica a respeito da Tríplice Aliança: “Tríplice com quatro? Por que sempre se omite a Inglaterra se os aliados pagam as contas com moeda inglesa?” A narrativa de Deonísio aponta para a responsabilidade direta atribuída ao papel da Inglaterra enquanto financiadora da guerra.

Como o romance de Deonísio é o resultado de pesquisas realizadas até 1992, impossível buscar na obra referências da vertente historiográfica mais atual, que considera as questões políticas presentes na região do Prata enquanto motivadoras do maior conflito armado da América Latina<sup>6</sup>. Isso não desmerece, como será visto, o conteúdo crítico da narrativa de *Avante, soldados...* na medida em que a fonte precisa ser pensada e problematizada a partir do seu tempo e campo de produção.

Em se tratando especificamente do campo de produção literário do gênero romance histórico, Luciano Melo de Paula aponta para as características metaficcionalis contemporâneas presentes na obra, o que o distancia da concepção clássica. Segundo o crítico, em *Avante...*

5. Esta versão historiográfica, cuja tese de que foi a Inglaterra a mentora da guerra, ainda hoje predomina no campo histórico e no imaginário popular, em especial, devido aos livros didáticos escolares e, principalmente, advém da leitura disseminada de algumas obras que impactaram o mercado editorial. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*, de Júlio José Chiavenatto, publicada em 1979, a obra de Eduardo Galeano, *As veias abertas da América Latina*, cuja primeira versão é de 1970, e as obras de Leon Pomer, *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia Rio-platense*, de 1976, são exemplos significativos desta corrente interpretativa. Num plano historiográfico mais amplo, esta tese também foi endossada por Eric Hobsbawm, quando afirma que a Guerra do Paraguai estaria dentro do quadro de expansão do capitalismo inglês.

6. A tese de momento é a de que a guerra não teria relação alguma com a Inglaterra. Segundo a análise de Alfredo da Mota Meneses, desenvolvida na obra *A guerra é nossa: a Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai*, publicado em 2020, sugere que os motivos da guerra foram eminentemente fatores locais. Fundamentado por farta documentação diplomática, correspondências e pronunciamentos parlamentares dos diferentes sujeitos envolvidos no conflito, o autor contribui com a revisão histórica em andamento. Além desta obra, indica-se: DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

observa-se um recorte de tempo específico, no qual de toda uma guerra só se refere a uma batalha. Este recorte promovido por Deonísio contrasta com a presença de painéis históricos complexos, que muitas vezes abarcam uma época, característicos de romances históricos clássicos. Como destaca, “um recuo, uma retirada, ou mesmo, uma fuga, não é um grande painel histórico” (PAULA, 2015: 121). Ademais, segundo o mesmo crítico, em se tratando da temporalidade adotada no texto, “o romance histórico clássico tem uma grande proximidade formal com a escrita da História, adota procedimentos desta, ou esta deste, e se organiza respeitando uma fiel temporalidade dos acontecimentos narrados como estratégia de garantia de veracidade” (2015: 121). Não é o que se observa na obra de Deonísio. Nesta, a temporalidade é diluída, os acontecimentos se entrecruzam. Outra distinção apontada por Paula se refere aos protagonistas. Em *Avante...* “as duas personagens principais tem claros vínculos com a realidade e são agentes reconhecidos dos acontecimentos narrados: o Visconde e o Coronel Camisão são facilmente identificados com as personagens históricas a que correspondem” (2015: 121,22). Isso difere da composição do romance clássico que se vale de protagonistas essencialmente fictícias, que identificam um “tipo médio” em sua atuação social. Por fim, outra distinção apontada por Paula é a posição assumida pelo narrador:

No romance histórico clássico, esta é de distanciamento, fala a terceira pessoa, neutra, simulando o discurso historiográfico. Em *Avante, soldados: para trás* o narrador joga um esconde-esconde com o leitor, demorando a se mostrar, tardando a dizer quem é que conta a história. Confundindo-se com as muitas vozes da tropa e dos protagonistas o narrador, com um procedimento literário refinado, é polifônico ao extremo, diante de tantas vozes, qual devo seguir. (2015: 122)

No romance de Deonísio, o narrador muda de posicionamento como também dá vazão à polifonia. Outra característica presente é a ironia, mas uma ironia pós-moderna, como afirma Paula, que não busca provocar a dúvida mas a multiplicidade de versões:

[...] o texto não busca lançar dúvidas sobre a verdade dos fatos narrados, mas oferecer uma versão alternativa dos fatos. Outra verdade, outra versão, tão valiosa quanto todas as outras versões que já circularam sobre aqueles acontecimentos. Assim, teríamos neste romance outro tipo de ironia, a pós-moderna. [...] *Avante, soldados: para trás* polemiza e recupera fatos e documentos do passado não para refutá-los ou desacreditá-los, mas para oferecer uma versão a mais, multiplicidade de interpretações possíveis sobre um mesmo texto ou acontecimento. (PAULA, 2015: 123)

A ambiguidade, a polêmica, a multiplicidade de interpretações e a presença da metatextualidade, são recursos narrativos utilizados por Deonísio para levar os leitores a questionarem os sentidos oficiais atribuídos à guerra. Além disso:

Os domínios da literatura, história e teoria também estão presentes e polemizados no romance de Deonísio da Silva. A sua apropriação da obra de Taunay e do contexto da Guerra do Paraguai é toda metadiscursiva, questiona os métodos não só da escrita da História, mas da própria literatura. Metaficção, ao se portar como problematizadora da própria ficção e suas fronteiras, questionando



e recuperando procedimentos de outras obras literárias; historiográfica por se apropriar de documentos, acontecimentos e personagens do passado questionando heróis estabelecidos e verdades canônicas. (PAULA, 2015: 124)

O romance de Deonísio é narrativa questionadora dos métodos da escrita da história e da literatura. Da história, se alimenta de documentos, de fatos e de sujeitos, questionando a produção de heróis. Da literatura, como metaficção, assume posição problematizadora da própria produção ficcional. Assim:

*Avante, soldados: para trás* pressupõe a existência de convenções genéricas para a produção de narrativas de cunho histórico para romper com todas elas, é o romance de como fazer romances sobre acontecimentos literários e/ou históricos. Por outro lado, é um posicionamento no debate sobre a escrita da história, questionando os métodos e as concepções da historiografia clássica (PAULA, 2015: 124).

Neste contexto de caracterização e de transformação do gênero literário na contemporaneidade, é importante entender a definição da metaficção historiográfica, termo proposto por Linda Hutcheon (1991: 22), que se aproxima do novo romance histórico. Um exemplo disso é quando afirma que “a “autoconsciência teórica” da metaficção historiográfica, que a leva a reconhecer que tanto a história quanto a ficção são, por igual, “criações humanas”, serve-lhe de base para repensar e reelaborar as formas e os conteúdos do passado.

A metaficção historiográfica sugere que verdade e falsidade podem não ser mesmo os termos corretos para discutir a ficção [...] só existem verdades no plural, e jamais uma só verdade; e raramente existe a falsidade *per se*, apenas verdades alheias. A ficção e a história são narrativas que se distinguem por suas estruturas, estruturas que a metaficção historiográfica começa por estabelecer e depois contrariar, pressupondo os contratos genéricos da ficção e da história (HUTCHEON, 1991: 146)

Neste quadro contemporâneo de produção de romances históricos metaficcionais, abre-se espaço para a construção de múltiplos sentidos, apoiando os detalhes minuciosos e a humanização dos personagens. Nessa perspectiva, segundo Lavaroti e Teixeira (2010), as narrativas contemporâneas também contribuem para a construção da identidade nacional, mas numa perspectiva de subversão do discurso dominante:

[...] narrativas que optam pela pluralidade discursiva e dão voz a outra história que foi ignorada, ou mesmo manipulada, pela história oficial e, dessa forma, também contribuem para a construção de uma identidade nacional, mas agora por meio de uma subversão do discurso dominante num processo conduzido pelas diferentes releituras que são produzidas. Dessa maneira, o fato histórico e os personagens da história são abordados pelo escritor de maneira mais livre e subjetiva, abrindo espaço para a construção múltipla de sentidos, que se apóia na exploração dos detalhes que compõe a trama e na humanização de seus personagens. (LAVORATI & TEIXEIRA, 2010: 5).

Pluralidade discursiva, foco em outras histórias que não sejam as oficiais, possibilidade de subversão do discurso dominante, produção de diferentes sentidos pela releitura produzida.

Os aspectos apontados por Lavorati & Teixeira são de grande relevância na edificação dos romances históricos contemporâneos.

## 2. Representações sobre a escrita da história em *Avante, soldados...: críticas contemporâneas sobre a Guerra do Paraguai e a Retirada da Laguna*

Como já assinalado, Deonísio promove um debate contemporâneo em torno da escrita da história da guerra. Debate que também pode ser entendido enquanto posicionamento do autor, questionando os métodos e as concepções da historiografia oficial. Ao colocar em perspectiva plural a verdade dos fatos, o narrador contribui para a desmistificação da escrita, evidenciando as limitações de quem escreve.

Quem estava lá para saber a exata verdade, a informação certinha? Transcrevo o que colhi de ouvido e sentimento. Eu estava lá, mas os acontecimentos se espalhavam por muitos lugares. Nem tudo eu via. Nem tudo eu ouvia. São muitas as limitações de quem escreve, maiores do que aquelas de quem lê. Mesmo em tempos de paz. E eu estava em guerra. Servia meu país. Como soldado e escritor. Lutava e escrevia. O que recolhi, passo à posteridade. (1992: 118)

A interrogação do soldado narrador é pertinente. Quem estava lá, no palco da guerra, para saber a exata verdade dos fatos? Com certeza, nenhum de seus leitores. Mesmo quem estava não teria condições de saber de todos os acontecimentos. *Avante, soldados...* ao misturar elementos autobiográficos e ficcionais, desdobra fatos e questões que a narrativa bélica não ousou abordar e que se transforma em tarefa central ao narrador soldado de Deonísio, que transcreve o que colheu de ouvido mas também o que sentiu, apontando para limitações de quem escreve, ainda mais em um ambiente de batalhas.

Essa postura problematizadora para com a escrita da história da retirada da Laguna é ampliada na segunda parte do romance. Deonísio coloca em evidencia e ironiza a importância e ao mesmo tempo a função do registro da história para a posteridade. O faz por meio do diálogo entre o Comandante Camisão<sup>7</sup> e Taunay, personagem muitas vezes chamado de francês<sup>8</sup> ao

7. Carlos de Moraes Camisão (1821-1867) foi um coronel brasileiro que comandou a campanha do Mato Grosso, liderando a retirada da Laguna, vindo a falecer de cólera. Taunay, em sua obra, revela um comandante ressentido, resultado de evento anterior, em que fora acusado de abandonar o coronel Oliveira, comandante das armas da província do Mato Grosso, na defesa de Corumbá, que foi tomada e devastada pelos paraguaios em fins de dezembro de 1864. Camisão, na qualidade de comandante do segundo batalhão de artilharia, teve seu nome difamado por ter se retirado do conflito, “circulando, em tal época, um soneto impresso, acerbo estigmatizador dos defensores de Mato Grosso” (TAUNAY, s/d: 33). Taunay atribui a ofensiva de Camisão à invasão do Paraguai como forma de se redimir perante a opinião pública. Segundo Taunay, expando a razão da invasão na perspectiva oficial: “encontrava-se no arquivo da coluna um ofício do Ministro de Guerra recomendando a marcha sobre o Apa, logo que as conjunturas a tanto se prestassem. Ali enxergou (Camição), não o que exatamente havia, uma indicação facultativa, mas a ordem de avançar, formal, peremptória” (TAUNAY, s/d: 34). Esse ofício, segundo Taunay, tornou-o surdo a qualquer voz que tentasse desviá-lo do projeto de invasão.

8. Naira Nascimento aponta para o estatuto ficcional atribuído a Taunay no romance. Ele é reconhecido pelo adjetivo pátrio francês, pouco elogioso, na medida em que por ser “gringo” sofreria com o calor e a geografia brasileiras. Mas, contrariando as expectativas, ele resiste e desempenha a mesma função de narrar os episódios que exerceu enquanto narrador da *Retirada da Laguna*. “Ainda que tivesse nascido no Brasil, esta associação de

longo do texto.

Escreva aí, francês, o que vou lhe ditar. Um resumo. Servirá de efemérides da nossa retirada. Útil para escolares no futuro; útil, daqui a algumas semanas, para os relatórios militares, apreciações de superiores e o mais. Sempre é bom registrar o que se passa. O que é disperso acaba se perdendo, com disse Santo Tomás. Escreva, pois, francês, porque sei que vou morrer. Que minha fala seja essa nas reuniões que depois se seguirem. Viemos para libertar o Paraguai. Foi a nossa missão. Libertar a liberdade. Nossa vocação de libertadores, como sempre. (1992: 169)

Deonísio problematiza a função da escrita da história. O personagem Camisão tem consciência de que os registros da guerra serão úteis num futuro, para os escolares<sup>9</sup>, mas também sabe que sua fala tem função imediata, uma vez que precisa prestar contas aos seus superiores. Importa, nesse sentido, evidenciar a “missão civilizatória” promovida pelo exército brasileiro na tentativa de libertar o Paraguai de um ditador. Deonísio, assim, caracteriza o sentido oficial da escrita da história construída em um ambiente bélico, submetida ao juízo militar. Por isso, da necessidade de cuidar com o que se escreve, na medida em que estes registros ficarão para a posteridade.

- Se diz como se quer. Esse cuidado é coisa da escrita, pois não há conserto posterior. O que escrevermos ficará para sempre. O que nós estamos falando agora daqui a pouco estará, se tanto, somente em nossa memória. Depois enlouquecemos ou morremos, tudo se perde. Menos o que escrevemos.
- Menos o que você escrever, francês. Eu nada escrevo, dito apenas.
- Dite, pois comandante.
- Dito, pois, o que foi dito; dito eu e escreva você. O que eu dito?
- As efemérides da nossa retirada.
- Ah, sim, pois escreva então, dando assim um destaque, não vá escrever tudo amontoado, porque também assim se perderá. [...] (1992: 171)

O que se deixa escrito, impresso, permanece. O que se pensou ou conversou, que ficou guardado na memória, se perde. O personagem francês alerta Camisão sobre a importância da escrita e este busca apresentar as efemérides da retirada de forma ordenada. Como se fosse um diário de guerra – a exemplo do que Taunay fez no campo de batalha – Camisão narra os acontecimentos principais e datados atribuindo sentido glorioso à invasão:

- Dance, então, francês, conforme a música da minha fala e vá escrevendo as efemérides que eu

---

Alfredo Taunay com a França advém, além do nome de família e da nacionalidade paterna, por uma profunda reverência com que o próprio autor tratou sua ascendência estrangeira, tendo, inclusive, publicado *A Retirada da Laguna* primeiramente em francês” (2006: 183). Além disso, outra marca da personagem do francês é o espírito lógico, como que a apontar para a sua influência cartesiana, reforçando, assim, as características de espírito curioso, científico e de homem de letras.

9. Sobre a questão da produção histórica didática em torno da Guerra do Paraguai, atentar ao trabalho da pesquisadora Ana Paula Squinelo intitulado: “Revisões historiográficas: a Guerra do Paraguai nos livros didáticos brasileiros”. Brasília, *Diálogos*, 2011, v.15, n.01.

ditar. A invasão do Paraguai foi decidida a 23 de março. [...]

- Escreva mais, então, que isso ainda diz pouco. A 14 de abril avançamos sobre o rio Apa. Eta nós, francês. Gostou? Avançamos sobre o Apa, que frase, hein, francês! Avante, soldados: para o Apa. Avante, soldados: para o Paraguai. Avante, soldados: para a guerra. Pois não é isso que quer todo soldado? Não é guerra o que todo militar quer? A nós tocou uma guerra! Desde as invasões de França e Holanda não tínhamos uma guerra. Temos agora a do Paraguai. E os invasores somos nós, estão pensando o quê? (1992:172)

Deonísio rememora e polemiza com Taunay. O episódio da chegada até o rio Apa, fronteira com o Paraguai, está registrado de forma pomposa, considerado um grande feito pelo coronel Camisão que busca, por meio da escrita, consolidar a conquista<sup>10</sup>. No romance, a ironia é fundamental para os leitores questionarem o sentido das palavras como também o sentido da guerra. Avançar se torna palavra chave na narrativa militar. Implica o desejo e também a oportunidade de glórias. Nesse sentido, avançar sobre o Paraguai foi uma decisão militar. Afinal, questiona Deonísio por meio de Camisão, *não é guerra o que todo militar quer?* A diferença é que nesta guerra os invasores eram os brasileiros, fato único na história. Segue o diálogo:

- [...] Os inimigos de ontem podem ser os aliados de hoje. Veja o senhor que o Uruguai está conosco. Não foi assim há pouco mais de 40 anos. Da Argentina pode-se dizer o mesmo. Amanhã ou depois, o Paraguai e o Brasil podem estar do mesmo lado.

- Difícil. Mas militar não entende político e vice-versa. Eles, os políticos, tramam acordos e desacertos no bem-bom dos recintos dos senados, câmaras e cortes. Mas quem executa uns e outros somos nós, nos campos de batalha. Eles parlamentam, nós guerreamos.

- Eles travam outra guerra, comandante. Às vezes, há mais mortos e mais feridos nas batalhas deles do que nas nossas.

- Você fala assim porque é os dois. Dublê de militar e político. Mas escreva mais. Escreva que a 21 de abril atravessamos o Apa. Atravessamos o Apa, francês. Quem diria! Olha a volta que demos lá por cima. Todos nos caluniavam. Diziam que fugíamos da guerra. Estratégias que os simples não entendem. A maior volta é por vezes a melhor volta. (1992: 173)

Camisão e Taunay conversam sobre o sentido político da guerra, das contradições que tornavam amigos os inimigos de ontem. Neste caso, Deonísio está se referindo aos conflitos entre Brasil e Uruguai que repercutiram na criação da Província Cisplatina. Camisão, enquanto comandante que acata e executa ordens superiores, afirma não entender os políticos – pelos acordos e desacordos que tramam – e que estes não entenderiam os militares. Cabe à Taunay ponderar em defesa dos políticos, apontando para outras formas de guerrear que não

---

10. Taunay registrou este episódio da seguinte forma: “Ao chegar pediu o Coronel que lhe dessem água do Apa, e, ou porque lhe viessem à mente vagas reminiscências históricas, a propósito de caudais célebres, ou porque, após tanto abalo de espírito, experimentasse como que uma agitação febril, disse sorrindo: ‘Notemos a que hora provamos a água deste rio’. Puxou o relógio, bebeu e acrescentou a gracejar: ‘Desejo que este incidente seja consignado na história desta expedição, se algum dia a escreverem’. Pareceu empenhado que se lhe fizesse uma promessa em tal sentido. Foi o autor desta narrativa quem, em nome de todos, a tanto se comprometeu, e hoje o cumpre com religiosa exaçação porque a morte, de que estava o nosso chefe tão próximo, sabe, pela própria natureza enigmática, tudo enobrecer, tudo absolver e consagrar” (TAUNAY, s/d: 55).

somente aquelas executadas em campos de batalhas. São batalhas diferentes de uma mesma guerra. Essa defesa, no entanto, é logo questionada por Camisão que lembra à Taunay que ele também é político. Deonísio, como dito anteriormente na crítica literária, incorpora à trama questões polêmicas a fim de problematizar a história. Ao representar o personagem Taunay enquanto militar e político, Deonísio se adianta no tempo, apontando para sua trajetória de político após a guerra. A narrativa segue em tom irônico para com o registro da travessia do Apa e a tomada da Laguna:

- Escreva, francês. Escreva aí – Camisão empertiga-se, solene – que a 1º. de maio tomamos Laguna. Importante registrar isso, francês. É o nome da vila. Deu nome ao episódio. Laguna – logo é tomado de melancolia. – Note também, francês, os combates travados à beira do Apa, para consolidar a tomada de Laguna.
- Consolidar o quê, meu comandante? Pois não nos mandamos?
- Está certo. Escreva aí: a 7 de maio começamos a fugir.
- Admiro sua sinceridade, meu comandante. Mas o verbo tem que ser outro. Fugir não fica bem para um militar. Que se dirá quanto todos fogem?
- Mas não fogem; acompanham o comandante. A responsabilidade é minha. (1992: 175)

O personagem Camisão quer um registro pomposo, oficial, no qual se evidencie a consolidação da tomada da Laguna por meio de combates travados à beira do rio Apa. No entanto, à sequência dos combates se evidenciou a necessidade do recuo, pela falta de víveres para a alimentação. Na visão da história da retirada da Laguna, Deonísio empreende narrativa que instiga o leitor a questionar se a retirada não seria, na verdade, uma fuga. Ironicamente, é o personagem Taunay que surpreende ao alertar o comandante sobre a necessidade do uso de verbos militares a fim de representar a saída da Laguna. Porque *fugir não fica bem para um militar*, nem mesmo se este segue o comandante<sup>11</sup>. Continua o diálogo:

- Escrevo apenas o que o senhor dita. Mas pondero. Uma coisa é o que o senhor faz com as balas, as espadas, os canhões. Outra, bem diferente, é o que podem as palavras. Se escrever aqui “fugimos a 7 de maio” ou “começamos a fugir a 7 de maio”, nunca mais terminaremos nossa fuga. Seremos submetidos a conselho de guerra, a corte marcial, onde nos cortarão a todos, soldos inclusive. Viveremos do quê? Diremos que estávamos seguindo nosso comandante? Cuidado com as palavras. Vamos usar um termo militar, concorda? A sociedade não haverá de aceitar que fugimos. (1992: 175-176)

---

11. Segundo Taunay, custava aos soldados e comandantes brasileiros aceitar a necessidade de recuar logo após a invasão ao território paraguaio. O sentimento de vergonha e a desesperança por glórias imperavam na coluna: “Lá ainda ocupávamos a fronteira do Paraguai, embora batidos pelo pungente pesar de a deixar. Tão recentemente a havíamos atravessado, certos de realizar importante diversão, talvez até indispensável à causa da Pátria! Nós nos sentíamos como corridos de vergonha, vendo nossas esperanças de glória tão cedo desvanecidas. [...] Faltávamos, não havia dúvida, as munições; mas de um momento para outro não poderíamos recebe-las? [...] Acaso cheguem, explicava um oficial aos seus camaradas, o Coronel, que ainda se não conformou com o pronunciar da palavra retirada, ordenará logo nova ofensiva. E assim devaneávamos sem ligar maior importância a todos estes pensamentos” (TAUNAY, s/d: 84-85).



Nas ponderações colocadas na boca do personagem Francês, Deonísio polemiza sobre a necessidade do registro histórico segundo a perspectiva militar. Tão importante quanto as balas, as espadas e os canhões é o cuidado com as palavras. Ou seja, o verbo fugir deve ser desconsiderado do registro a fim de se evitar a submissão da coluna ao conselho de guerra, a corte marcial, que poderia implicar em punições como o corte dos soldos. Nem os militares nem a sociedade aceitaria, segundo o personagem Taunay, que o exército fugiu ao combate. A polêmica continua:

- Engano seu. A sociedade aceita. Aceita tudo o que disserem para ela aceitar. Os que mandam é que não aceitam. Mas mudemos, então, para um termo militar, pois militar é o que dita, militar é o que escreve. Nisso nos entendemos, porque quem escreve é também o que luta. Escreva aí: a 7 de maio demos início à retirada.
- Ficou melhor, comandante. Xenofonte também se retirou. Xenofonte não fugiu.
- Está bem, francês. Xenofonte, pois sim. Só o nome me aumenta a sede. Fonte estranha essa que você soletra. Escreva os combates. A 8 de maio o de Bayendé.
- Escrevo também sobre os mortos, informando o número de cadáveres, pelo menos?
- Não. Eles que imaginem. E o que haverão de dizer números? Continue. A 11 de maio, o combate de Nhandipá. Foi nesse dia também que começou o incêndio na macega. Poxa, como guerrear com um inimigo assim, que não respeita as regras do jogo. Incendeia os campos, fuzila doentes amarrados!
- Guerra é guerra. O que escrevo agora? O dia em que o outro Lopes, o nosso, nos pôs a perder, parecendo que trabalhava para o homônimo?
- isso, escreva isso. O extravio da coluna. A 16 de maio estamos perdidos. Foi um sinal. Dois dias depois grassava a maldita. (1992: 176)

Neste ponto do diálogo Deonísio polemiza com o fato de a sociedade brasileira aceitar tudo o que dizem para ela aceitar. Como o autor esta polemizando com a escrita da história da guerra, é provável que sua crítica contemporânea esteja voltada a falta de questionamento das versões militares, ufanistas, oficializadas, que ainda predominam nas escolas e até mesmo na historiografia. Na busca pela imposição de sentidos específicos em torno da guerra do Paraguai, são os mandatários que se mostram preocupados com o uso dos termos pertinentes, conscientes de que estão produzindo memórias oficiais sobre os acontecimentos, ou seja, no caso específico de Taunay, *quem escreve é também o que luta*. Nesse sentido, o uso do termo retirada ao invés de fuga, mostra-se como uma estratégia militar já usada desde muito tempo na história, como no caso de Xenofonte, dando mais legitimidade à empreitada. O importante nesta versão militarizada da história, é dar destaque às efemérides, apontando em especial os combates. Deonísio, sempre atento à polêmica com o original de Taunay, agrega a esta “heroica retirada” elementos que apontam para sua contradição, fazendo com que seus leitores dimensionem a tragédia humana vivenciada pela coluna: o desconhecimento do número de mortos; o sofrimento causado pelo fogo na macega; o fuzilamento de doentes; o extravio da coluna que estava na dependência do guia Lopes; e, um dos piores inimigos, o cólera<sup>12</sup>. São histórias pouco gloriosas:

12. Deonísio dimensiona a tragédia do cólera aos leitores: “E o cólera a cada dia derrubava mais pessoas. A doença

- O cólera. Isso, escreva tudo. Escreva que o comandante brasileiro, no caso eu, contava com três mil soldados, quatro batalhões de infantaria, regimento de cavalaria, quatro canhões e uma porrada de índios. E que Urbietta contava com 800 cavaleiros bem treinados, infantas, canhões. E o cólera. Escreva que a doença foi o principal recurso estratégico dele. Escreva também, pensando bem, que no primeiro combate, depois de começada nossa retirada, perdemos 200 soldados e matamos 16 soldados. Escreva que quem contou esse número foi o inimigo. Para nós, não sobrava tempo de estimar perdas. Que depois do combate de Machorra levaram o gado, deixando-nos somente os bois de canga, que não puderam acompanhar os paraguaios porque estavam de canzis. A carne desses bois foi o que nos possibilitou chegar até aqui. Escreva que em todo lugar em que acampávamos, ficavam pelo menos 20 cadáveres. Escreva que, quando as mortes começaram, ainda fazíamos enterros. Depois, deixamos os mortos sobre a terra para que outros rabcões cuidassem das cerimônias fúnebres e que esses rabcões foram os corvos do céu. [...]. (1992: 178)

Na polêmica intertextual com a obra de Taunay, Deonísio coloca em relevo as inúmeras situações pelos quais passaram os combatentes, oferecendo aos leitores novos ângulos de interpretação. Nesta versão contemporânea da história, a dúvida, a incerteza e a imprecisão dos dados e situações são elementos retóricos importantes para colocar os sentidos oficiais da guerra em interrogação. As justificativas para o fracasso da coluna são inúmeros. Como também são inúmeros os motivos destacados por Taunay para atribuir heroísmo aos soldados que sobreviveram no recuo. No entanto, muitos desertaram, e por inúmeros motivos. Taunay condena os desertores vistos como traidores. Já Deonísio busca polemizar a questão, apontando para as características dos soldados brasileiros, muitos deles escravos, que lutavam em lugar dos brancos e que viram na guerra a oportunidade da fuga e da conquista da liberdade<sup>13</sup>.

Diga dos desertores. Escreva que o soldado brasileiro, podendo, fugia. Pois era escravo e estava ali para morrer no lugar dos brancos. Mas escreva também, que os brancos morriam nas frentes de batalha. Não tome partido. Escreva tudo. Narre. Conte. Pergunte. Pergunte por que os paraguaios não caíram sobre nós e não nos mataram, se, nos informes, posteriores, são unânimes em afirmar que, como deuses e vaqueiros, nos tangiam como a reses, Paraguai afora, enxotando-nos para o Brasil? Pergunte se era por razões humanitárias que assim procediam ou por medo. Escreva que perdemos 38 carretas na retirada. Escreva que 800 morreram de cólera. Escreva que abandonamos 122 coléricos num bosque que...

- Em outro lugar, escrevi que foram 76 os coléricos abandonados. (1992: 177-178)

- Mas você sabe que foram mais. O que são números? Se apenas um soldado morresse abandonado pelos seus, já seria ignominioso. Escreva que o imperador não gostou disso. Escreva que os paraguaios fuzilaram os coléricos. Escreva que a 27 de maio morreu o guia Lopes. (1992: 178-179)

---

acarretava a supressão da urina, a diarreia ‘em forma de água de arroz’, escreveu ele. Os soldados caíam com câibras nas pernas, pés e mãos eram tomados de friagem medonha. Aquele calorão danado e parecia que os doentes engatinhavam sobre gelo. Por toda parte, vômitos. Nada aplacava a sede de um colérico. O rosto do contaminado ia ficando magro – retrato prévio da morte. A voz ia se perdendo em rouquidões. Compunham a coreografia dos sintomas também a dispneia e a cianose. E o sujeito ia sumindo como sombra quando se aproximava o meio-dia”. (1992: 179-180)

13. Sobre a questão da presença e do significado de escravos na Guerra do Paraguai, atentar à leitura de: TORAL, André Amaral de. “A participação dos negros escravos na Guerra do Paraguai”. *Estudos Avançados*. (9) 24, 1995.

As efemérides da retirada, sintetizadas por Deonísio a partir do diálogo dos personagens Camisão e Taunay, não representam apenas as datas mais importantes dos acontecimentos, das batalhas ocorridas, mas, acima de tudo, ressignificam as consequências e as situações trágicas vivenciadas pelo exército brasileiro. O cólera, o roubo do gado, a falta de cavalos para perseguir os soldados paraguaios, a necessidade de usar os bois de transporte das carretas para alimentação, os cadáveres abandonados sem cerimonial fúnebre, os inúmeros desertores que tiveram que ser controlados, a incompreensão das estratégias do exército paraguaio que evitou arrasar a coluna brasileira, entre outras, inúmeras, situações trágicas que envergonhavam os militares.

Deonísio rememora e explora a complexidade e a pluralidade de acontecimentos da guerra para representar um ambiente irracional, no qual o desconhecimento do inimigo, das doenças, do terreno e, muitas vezes, dos próprios soldados brasileiros, servem de argumentos para questionar a versão heroica consagrada à coluna pela história militar. Isso fica ainda mais evidente ao final do diálogo, em que a discordância com relação ao número de coléricos abandonados se torna insignificante, posto que abandonar um soldado já poderia ser considerado infâmia, um ato vergonhoso.

No romance, Deonísio polemiza diretamente com Taunay, atribuindo-lhe voz e protagonismo quanto às escolhas das efemérides a serem registradas. Ou seja, na metaficção historiográfica construída, Deonísio leva em conta tanto o momento de produção da obra de Taunay, quando dialoga com este sobre a escrita da história, quanto à recepção da mesma obra por meio das memórias e reflexões do personagem soldado narrador.

O francês, como eu, escrevia. Além do seu livro, muitos informes. Todo dia era obrigado a escrever léguas e léguas de letras. Tudo anotava. Seus relatos raramente tratavam de coisas bonitas. Nos informes, as verdadeiras rudezas da guerra emergiam com suas marcas mais terríveis (1992: 179).

Na história ressignificada por Deonísio, Taunay (francês) e o soldado narrador (sem nome) assumem o protagonismo da escrita da história. Ao primeiro, cabe a preocupação com a narrativa militar, na medida que desempenha função oficial e presta contas aos seus comandantes. Ao segundo, cabe a crítica contemporânea à história registrada. Assim, por meio do personagem soldado narrador, Deonísio consegue revisitar e polemizar a história de Taunay, apontando para sua relatividade:

Na ordem do dia em que sacramentou o fim, o francês alude a 35 dias de retirada. Partimos de Laguna, no Paraguai, a 7 de maio. Chegamos ao porto de Canuto, à margem esquerda do rio Aquidauana, a 11 de junho. No dia 12, nosso comandante, em ordem do dia, oficializou o fim da marcha, dissolvendo a coluna. No dia da invasão do Paraguai, nossa coluna já havia perdido 1320 pessoas. Naqueles 30 e poucos dias nossas forças passaram de 1680 combatentes para 700. Morreram dizimados pelo inimigo, pelo fogo e pelo cólera 980 soldados. O francês, no capítulo XXI de sua *A retirada da Laguna*, ou seu tradutor para a edição brasileira, refere 908 perdas. O engenheiro errou a conta dos mortos. (1992: 192)

Os números finais da retirada são perturbadores e passíveis de questionamento. Foram 35 dias de marcha para trás. Neste período, de 1680 combatentes restaram 700. Há divergências sobre o número de dizimados pelo inimigo, pelo fogo e pelo cólera. Para Deonísio, Taunay errou nas contas. Mas as efemérides da guerra apontadas por Taunay são consideradas pelo soldado narrador, que rememora a cronologia histórica da invasão até seu desfecho trágico, da fuga desesperada dos soldados brasileiros, sempre perseguidos pelo exército paraguaio.

Decidimos invadir o Paraguai a 23 de março. Nossa primeira batalha ocorreu a 20 de abril. Vencemos. A 1º. de maio tomamos Laguna. Entre os nossos já não eram poucos os que desconfiavam de um ardil do inimigo. A 6 de maio, na segunda batalha, na beira do rio Apa, comprovamos as suspeitas. A retirada começou a 7. No dia seguinte, já fustigados pelo inimigo em nossos calcanhares, travamos pesado combate, com muitas baixas, em Bayendé. A 11 de maio, ocorreu o célebre combate de Nhandipá, na passagem do rio Apa, rumo ao território da mãe-pátria. [...]  
Foi então que começou o pior. O inimigo ateou fogo na macega e se divertia atrás de nós. A 16 de maio, todos reconhecem o óbvio: a coluna está perdida. Fumaça por todos os lados. Nossos olhos ardem, nossos corpos perdem a pouca água que retêm. A fome desestrutura a disciplina. Subordinados xingam chefes, atribuindo-lhes a falta de rumos, proclamando a sua incompetência. O coronel Camisão manda executar os mais exaltados. A disciplina é restaurada à força, como sempre. Por medo. Por puro pavor. Seguimos. (1992: 193).

Assim como no registro de Taunay, Deonísio resgata o ambiente caótico causado pelo inimigo sempre que este atea fogo na macega. Estratégia de guerra que o exército brasileiro desconhecia, como várias outras destacadas na narrativa. O soldado paraguaio é tido como ardiloso. Usa da astúcia para armar ciladas em um território que já conhecem, ao contrário dos soldados brasileiros. Quanto aos últimos, sucumbidos pelo fogo, pela fumaça e pela fome, muitos se tornam insubordinados. O que resulta em outra tragédia: a execução dos mais exaltados como forma de restabelecer a disciplina à força, *por medo, por puro pavor*. Na contramão do heroísmo atribuído à constância e à disciplina dos soldados brasileiros, Deonísio aponta para acontecimentos que evidenciam o contrário, em especial quando retoma o tema do abandono de um grupo de coléricos por parte do comandante Camisão.

A 18 de maio não há mais como esconder que o famoso cólera nos atacou. A 25, abandonamos um grupo de quase 100 soldados coléricos no meio de um matinho. Naturalmente, amarramos entre eles alguns dos mais indisciplinados, doentes ou não. Desses é o olhar mais feio. O coronel manda afixar num cartaz uns dizeres solicitando clemência a um inimigo que nos queria exterminar, enxotando-nos da terra deles, que havíamos invadido. O que esperava nosso coronel? Esperava piedade. Essa foi a palavra escolhida pelo francês. Piedade. Pedimos piedade ao inimigo. Nosso destino é pedir. Pedimos piedade aqui na retirada. Pedimos libras esterlinas em Londres. Pedimos víveres aos moradores. Pedimos comida. Pedimos roupas. Pedimos remédios. Pedimos melhores ordens. Pedimos, pedimos, pedimos. O que recebemos? O que não pedimos: fome, balas do inimigo, fogo na macega, o cólera. Sobretudo esse último, meu Deus do céu, esse não pedimos, jamais pensamos em pedir, por isso nunca esperamos recebe-lo. Se não recebemos nem o que pedimos, por que haveríamos de ganhar o que ninguém pensou em pedir, como um presente errado? Por que não foi o cólera ao inimigo, sempre trilhando, um pouco depois, os caminhos já

palmilhados por nós? (1992: 193-194)

A narrativa interrogativa de Deonísio ajuda o leitor do romance a problematizar a trágica condição humana dos soldados brasileiros submetidos a guerra. Na visão da história retratada, fica difícil ponderar se os combatentes são heróis ou vilões. No caso específico da retirada da Laguna, na degradante situação provocada pelo cólera, pela fome e pelos ataques dos inimigos, o soldado narrador relata cenas de pouco heroísmo, revelando a condição miserável de pedintes aos quais se transformaram os soldados. Pediram piedade aos paraguaios para com o grupo de coléricos abandonados; pediram comida aos moradores; pediram melhores ordens; sonhavam com glórias militares, etc. Mas a realidade do campo de batalha fez com que recebessem o que não pediram: a fome, a doença, a perseguição implacável dos paraguaios, a morte. Quantas glórias são possíveis registrar desta caótica situação? Continua as efemérides do soldado narrador:

O guia Lopes morreu a 27 de maio. Dois dias depois morreram o comandante e o subcomandante. Camisão e Juvêncio foram brigar na eternidade, travar sua surda luta em outros lugares, talvez menos quentes do que esses por onde passamos. Nem o inferno se pode comparar ao Pantanal que nos foi dado percorrer. O inimigo soube muito bem aperfeiçoar os castigos que a mãe-natureza impôs. O Pantanal está posto sobre formações vulcânicas. Em cima brilha um sol de rachar nossos quengos. Ao redor dos alagamentos, cresce a macega, com raros arbustos para pequenas sombras. O inimigo ateia fogo à macega. O que nos restou? O inferno não será pior. (1992: 194)

A morte é constante e democrática entre os militares brasileiros. Soldados e comandantes sucumbem antes pelo cólera do que pelas balas dos inimigos. O ambiente quente, sufocante e o terreno pantanoso rodeado por macegas, desconhecido pelos brasileiros, é usado pelo inimigo ao seu favor. A “mãe natureza” castiga os soldados, mas são os paraguaios que estrategicamente se utilizam do terreno pantanoso, ateando fogo na macega, provocando inúmeras baixas. *O inferno não será pior.*

A 30 de maio, já sob o comando de nosso último chefe, o major Tomás, atravessamos o Miranda. O rio cheio. Estamos com fome. Muita fome. A doença nos destrói. Carregamos 96 padiolas entulhadas de feridos e doentes. Muitos teriam preferido ficar no bosque junto com os outros, que o inimigo, sem que lhe fosse pedido, executou. O inimigo sempre faz o que não pedimos. Lá naquele bosque praticou a piedade que o comandante não pediu. Fuzilou todos os coléricos. Geme agora em nossas padiolas os que querem morrer e já não podem, pois não há mais o inimigo benfeitor, que sabe aplicar o bom bálsamo de um tiro no quengo, a suave intromissão de uma lança no peito, o corte veloz de um sabre na parte de trás do pescoço. O soldado inimigo aprendeu a matar. Pratica seu ofício com método. Nossos soldados, era até esquisito ver, não sabiam matar. Destripavam. Iam enfiando lanças e adagas, espadas e facões, tiros e pauladas. O inimigo sofria muito antes de morrer. E nem sempre tinha o consolo de ver seu matador por perto, pois a agonia era lenta, no mais das vezes. Não pensamos em ensinar a matar antes de partir. Viemos até aqui para um passeio. Íamos voltar bem rapidinho, vitoriosos e impunes. E, de preferência, vivos. (1992: 195)

Por meio das efemérides do soldado narrador brasileiro, Deonísio escancara as inúmeras



contradições que se evidenciaram entre as expectativas em torno da guerra *versus* a realidade do campo de batalha. Pairava no imaginário que a guerra seria rápida e que a vitória seria certa. A expectativa, oficial, era de que a guerra não duraria mais do que alguns meses – e que, para muitos, seria a oportunidade de conhecerem o interior do Brasil, a exemplo de Taunay – é contrastada com a realidade de uma guerra que durou aproximadamente cinco anos, com muitos revezes. O menosprezo aos paraguaios, considerados inicialmente bárbaros e inferiores, gradativamente vai mudando, na medida em que suas estratégias e métodos se mostraram mais eficientes. *O soldado inimigo aprendeu a matar*. Ademais, assombrava a muitos oficiais assistirem cenas degradantes de soldados brasileiros destripando os inimigos<sup>14</sup>. Usavam de muita crueldade. O episódio da retirada da Laguna evidencia um exército cuja a maioria dos soldados, inexperientes e de pouca habilidade militar, sucumbiu.

A 4 de junho chegamos a Nioaque. E, finalmente, a 11 de junho do ano do Senhor de 1867, chegamos a Aquidauana. Para nós, a guerra terminou. No sul, dizem, ela ainda vai durar muito. Ninguém sabe quem vencerá. Mas na Europa já se diz à boca pequena que o Paraguai subjugará o Império do Brasil. Que o Paraguai desponta como a primeira nação moderna da América do Sul. Que Francisco Solano López tem gênio de estadista, é um extraordinário estrategista e que passará à história como um grande comandante militar, perfilando-se junto aos maiores que a humanidade já conheceu. Alguns não exageraram tanto e, sem deixar de reconhecer essas qualidades no ditador paraguaio, mexem naquele que é seu calcanhar de Aquiles: falta de habilidade diplomática, aliada a uma monumental arrogância. Estes dizem que pequenos gestos farão com que perca a guerra. São poucos, porém, os que profetizam derrota para Solano. Chefes militares experimentados proclamam em suas análises pelas cortes europeias que, mesmo que Solano não fosse tão competente militarmente, ainda assim, ganharia a guerra pela incompetência dos brasileiros, argentinos e uruguaios reunidos. Eles não sabem que o Brasil sempre guarda seus segredos no silêncio, ocultando o que de melhor a mãe-pátria criou. Osório e Luís Alves ainda não avultam no prosaíco. Por enquanto, a nenhum de nós ocorreu jogar os cadáveres dos coléricos nos rios paraguaios. Deixamos isso para o duque de Caxias. (1992: 195-196)

Finalizando as efemérides da retirada da Laguna, ocorrida a 11 de junho de 1867 com a chegada dramática em Aquidauana, o soldado narrador se mostra pouco otimista, apontando para as incertezas da vitória brasileira. Na visão da história construída e polemizada por Deonísio, as certezas não são definitivas. Apresenta aos leitores um quadro histórico no qual o Paraguai é visto, na Europa, enquanto primeira nação moderna da América do Sul. Esta caracterização, ao que parece, é resultado da leitura da obra polêmica de Júlio José Chiavenato intitulada *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*, publicada em 1979, aspecto ponderado

14. Taunay registra, indignado, inúmeras situações de extrema crueldade no campo de batalha. Em especial, atribui às cenas de carnificina aos índios Terenas e Guaicurus que participaram da guerra ao lado dos brasileiros. “Os cadáveres paraguaios não arrastados pelo laço dos compatriotas foram, todos, achados mutilados e de modo hediondo. A propósito de tais profanações fez o coronel violentas exprobrações aos índios, acenando-lhes até com a pena capital, se caso, daí em diante, desrespeitassem os mortos” (s/d: 79). Para mais informações sobre a participação dos Guaicurus no conflito, atentar ao capítulo 3 da dissertação de mestrado de CORRADINI, Cirlene Moreno. *Os Guaikuru-Kadiwéu no contexto da Guerra do Paraguai: fronteiras, relações interétnicas e territorialidade*. Mestrado em História. PPGH -UEM. Maringá, 2007.

anteriormente, quando das referências historiográficas que influenciaram a composição da obra.

A representação em torno de Solano López segue a mesma linha. Deonísio investe na relativização da história em torno de seu nome e atitudes. Nesse sentido, pode ser configurado por suas qualidades de gênio de estadista, de extraordinário estrategista, de grande comandante militar. No entanto, e de outro lado, pode ser considerado um ditador, de monumental arrogância e com inabilidades para com a diplomacia. A relativização da história é importante para o leitor entender os limites intransponíveis da verdade, sempre parcial e incompleta. Deonísio, também apresenta uma crítica interna, colocada na boca de “chefes militares experimentados”, que atribuíam uma eventual derrota pela incompetência dos brasileiros, argentinos e uruguaios. Cenário que muda, com a entrada de Osório, Luis Alves e Duque de Caxias no teatro da guerra. A este último cabe uma crítica cruel, contestada pela historiografia contemporânea, de ter jogado cadáveres coléricos nos rios paraguaios. Que competência é essa?

Em resumo, aqui perdemos, aqui ficamos. Anoitece em Aquidauana. Foram 802 dias de marcha. Se nosso comandante não dissolvesse a coluna aqui, completariamos 1000 dias no Rio de Janeiro, onde começou nossa caminhada. Oitocentos e dois dias. Está bem assim. Ninguém mais precisa carregar feridos. Obedecer não é mais necessário. Dispensamos também os tormentos da fome e dos calores. Vamos embora, cada um por si, em coluna por um, cada um comandando a si mesmo, sem o destempero de chefe nenhum. Voltaremos para o Atlântico. Somos gente de beira mar. Esse interior nos confundiu. Precisamos de brisa, de bons ventos, de bons ares. Precisamos de bons ventos e dos bons ares de nossas mulheres, de nossos filhos, dos amigos. Não sabemos ainda que outros problemas nos esperam. Por enquanto é bom saber que o pior terminou. Daqui pra frente, todo sofrimento vai ser amenizado. Começamos com 3000 homens. Chegamos ao fim com 500. Foram mesmo 10 mil os de Xenofonte? Vou perguntar ao francês, que tudo sabe. O que César disse ao chegar em território inimigo? Vim, vi, venci. César correu de algum inimigo alguma vez? Parece que nunca, não é? É o que nos ensinam. Camisão poderia dizer: vim, vi, perdi. Cumpriu dois terços da tarefa de César. Não é um mau desempenho. E ainda escapou de ser morto pelo próprio filho. Camisão e César. Camisão e Xenofonte. Dez mil na mais famosa das retiradas da Antiguidade. Três mil na mais famosa das retiradas da América. Nós, os brasileiros, sempre grandes em tudo, a começar pelas dimensões continentais de nosso país. Vim, vi, voltei. César morreu assassinado pelo próprio filho e seus comparsas. O aço frio de um punhal, como se diz. Como o nome indica, está no punho da mão de quem fere. Eram muitos os punhais. Foi só um o ferimento do cólera. Não estava na mão de inimigo nenhum. (1992: 197).

No registro final das efemérides da coluna enviada ao Mato Grosso, o soldado narrador faz um balanço dos 802 dias de marcha, iniciada no Rio de Janeiro. A sensação de alívio predomina. Não é mais preciso carregar doentes e feridos, ninguém mais precisa obedecer ordens destemperadas, dissiparam-se os tormentos da fome e do calor. Os soldados brasileiros, vindos do litoral, não se adaptaram ao interior pantanoso. Esse Brasil era desconhecido, os confundiu. No entanto, mesmo com a sensação de que o pior já passou, cabe ao soldado narrador apontar para a dúvida quanto ao futuro, dos problemas que virão<sup>15</sup>. Para concluir,

15. Para muitos soldados brasileiros que retornaram da guerra, as promessas de D. Pedro II, lhes garantindo

Deonísio retoma a polêmica com Taunay para colocar em dúvida as glórias da retirada mais famosa da América, ironizando a grandeza brasileira. Afinal, morreu-se mais de doenças do que nas mãos dos inimigos.

### 3. Considerações finais

Como visto, *Avante, soldados: para trás* promove, na contemporaneidade, fundamental reflexão em torno da escrita da história da Guerra, em especial do episódio da retirada da Laguna. Por meio das polêmicas historiográficas instigadas pelo personagem soldado-narrador – à semelhança do narrador Taunay – Deonísio atíça o sentido crítico dos leitores na tentativa de problematizar a versão oficial da história escrita por militares. A polifonia, a ironia, o deboche, a dúvida, a crítica, etc., presentes na narrativa, são recursos linguísticos eficazes para o exercício intelectual de ressignificar o evento no campo da metaficção historiográfica. Se Taunay – político e militar – compôs obra buscando reconhecimento oficial, Deonísio – intertextualizando com o visconde – apresenta uma versão contemporânea e plebeia do soldado-narrador, consciente da sua condição de escritor, que se interroga: Não sou a continuação plebeia do visconde de Taunay, a quem tantas vezes admirei? (SILVA, 1992: 218-19). A narrativa de Taunay contribui para que Deonísio possa dimensionar o tormento vivido pelo grupo de militares – e aqueles que os seguiram, entre eles mulheres, indígenas e caixeiros viajantes –, formado basicamente com voluntários constrangidos, na medida em que muitos deles foram recrutados à força, inseridos em terreno inimigo, pantanoso, desconhecido por todos, e sem linha de provisões.

Ao longo deste artigo buscou-se situar o romance enquanto fonte para a crítica histórica contemporânea, na tentativa de apontar para as contradições, as subversões e os relativismos que a literatura oferece para o ressignificar da história da Guerra do Paraguai. Pressupõem-se que a literatura, enquanto ato social simbólico que faz uso da linguagem enquanto mecanismo de crítica social, é fonte imprescindível, capaz de promover o debate e a problematização histórica aos leitores, levando-os a auto-reflexão. Como destaca Chaves: “Nossa postura, agora, é a mesma do cronista imaginário apresentado por Deonísio da Silva; não estamos sob a imposição dos dogmas, mas no território da dúvida” (1992: III).

A leitura e a análise do romance de Deonísio da Silva, na perspectiva da metaficção historiográfica, fornece instrumental crítico para entender novos aspectos e dimensões que o romance histórico contemporâneo agrega, em especial a polemica em torno da escrita da história. Ao promover uma narrativa plural e interrogativa consegue apontar para inúmeras possibilidades de se pensar e problematizar a Guerra do Paraguai. Nesse sentido, a guerra do Paraguai continua, não mais nos campos de batalha, mas no campo da história, da memória e da crítica.

---

soldos, terras e até mesmo a liberdade para os escravos que se alistaram, não se concretizou, o que contribuiu para o desprestígio do imperador. Sobre o assunto, consultar SALLES, R. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

## REFERÊNCIAS

CHAVES, Flavio Loureiro. “A narrativa histórica de Deonísio da Silva”. In: SILVA, Deonísio da. *Avante, soldados: para trás*. São Paulo: Siciliano: 1992, p. I-VI.

CHIAVENATTO, J. C. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. São Paulo, Brasiliense, 1975.

CORRADINI, Cirlene Moreno. *Os Guaikuru-Kadiwéu no contexto da Guerra do Paraguai: fronteiras, relações interétnicas e territorialidade*. Mestrado em História. PPGH -UEM. Maringá, 2007.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

LAVORATI, Carla. TEIXEIRA, Níncia. “Diálogos entre ficção e história: do Romance Histórico Clássico ao Novo Romance Histórico”. *Odisseia – PpgEL/UFRN*, n. 6, jul-dez 2010.

MAESTRI, Mario. “A expedição militar ao norte do Paraguai antes da retirada da Laguna”. *História: Debates e Tendências – v. 18, n. 2, maio/ago. 2018*, p. 293-312.

MAESTRI, Mario. “A Guerra Contra o Paraguai: História e Historiografia: Da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]”. *Estudios Historicos – CDHRP- Agosto 2009 - Nº 2 – ISSN: 1688 – 5317*

MARIN, Jérri Roberto; SQUINELO, Ana Paula. “A ocupação paraguaia em Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai”. *Revista Territórios & Fronteiras*. Cuiabá, vol. 12, n. 2, ago.-dez., 2019.

MENEZES, Alfredo da Mota. *A guerra é nossa: a Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai*. São Paulo; Contexto, 2020.

NASCIMENTO, Naira de Almeida. *Da narrativa ao romance: a prosa da Guerra do Paraguai nos limites da ficção (histórica) contemporânea*. Doutorado em Estudos Literários. UFPR. Curitiba, 2006.

PAULA, Luciano Melo de. “Avante soldados, para trás: metaficção historiográfica sobre a Guerra do Paraguai”. In: *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*, nº 26 – julho a dezembro de 2015.

RAMOS, Marcelo Gonçalves. *Avante, soldados: para trás. O avesso da retirada. O monumento*

aos heróis de Laguna e Dourados e o texto de Deonísio da Silva. In: Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural: História Cultural, escritas, circulação, leituras e recepções. Universidade de São Paulo; 2014.

SALLES, R. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

SQUINELO, Ana Paula. “Revisões historiográficas: a Guerra do Paraguai nos livros didáticos brasileiros”. Brasília, *Diálogos*, 2011, v.15, n.01.

SILVA, Deonísio da. *Avante, soldados: para trás*. São Paulo: Siciliano, 1992.

TAUNAY, A. *A retirada da Laguna*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1874.

TORAL, André Amaral de. “A participação dos negros escravos na Guerra do Paraguai”. *Estudos Avançados*. (9) 24, 1995.